

A INTUIÇÃO NA LIDERANÇA E GESTÃO SEGUNDO A VISÃO DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA: UMA APRESENTAÇÃO

Liliane Carpenedo

RESUMO: O presente trabalho apresenta um estudo teórico que teve como foco verificar a visão da Ciência Ontopsicológica sobre a racionalidade e intuição aplicadas à liderança e gestão. Este estudo tem como objetivo geral estudar a visão da Ciência Ontopsicológica acerca da aplicação da racionalidade sobre a intuição, considerando a liderança e a gestão de negócios. São revisados alguns estudos acerca do ser humano, principalmente em relação ao líder e o gestor. Especialmente no tema da intuição, buscaram-se os principais constructos teóricos, tecendo uma linha evolutiva entre as teorias desenvolvidas no século XVIII categorizadas nesse texto como “teorias clássicas”, e os estudos de teorias contemporâneas, dentre as quais a Ciência Ontopsicológica, em interface com conhecimentos da cultura humanista. A conclusão que se chega, ao final, é que o ser humano é um instrumento através do qual a capacidade natural de intuir se dá. O líder assim como qualquer outro profissional, pode fruir dessa capacidade se dispuser de um instrumento (a si mesmo e o seu próprio corpo) alinhado e íntegro, como um instrumento exato de leitura da realidade. De modo que, a solução parece ser sempre a manutenção desse instrumento, através do autoconhecimento em sentido permanente, na leitura contínua a cada momento de si mesmo e da construção técnica que permite a tradução das pulsões intuitivas em ações práticas do dia-a-dia nas lógicas do *business*.

Palavras-chave: intuição; racionalidade; Ontopsicologia; gestão; liderança.

THE INTUITION IN LEADERSHIP AND MANAGEMENT ACCORDING TO THE VISION OF SCIENCE ONTOPSYCHOLOGY: A PRESENTATION

ABSTRACT: This paper presents a theoretical study which focused on verifying that the vision of Science Ontopsychology about rationality over intuition applied to leadership and management. This study aims to study what is the overall vision of Science Ontopsychology about the application of rationality over intuition, considering the leadership and business management. A review of some studies on humans, mainly on the leader and manager. Especially on the topic of intuition, sought the main theoretical constructs, weaving an evolutionary line between the theories developed in the eighteenth century this text categorized as “classical theories”, and studies of contemporary theories, among which Science Ontopsychology in interface with knowledge of humanist culture. The conclusion one reaches the end, is that the human being is an instrument through which the natural ability to intuit occurs. The leader just like any other professional, can enjoy this ability if you have an instrument (to yourself and your own body) aligned and intact, as a tool for accurate reading of reality. So, the solution always seems to be maintaining this instrument, in the sense of self through ongoing, continuous reading in every moment of self and construction technique that allows the translation of the intuitive impulses into practical actions of the day-to-day in the business logic.

Key-words: intuition; rationality; Ontopsychology; management; leadership.

1 Introdução

A decisão é algo presente no dia-a-dia de todos os seres humanos, independentemente do tipo de atividades nas quais se está envolvido. Muitas das situações enfrentadas exigem uma rápida resposta, as quais não permitem a devida coleta de informações, tempo de reflexão, debate com outros profissionais, entre outras restrições.

No campo do *business*, há uma grande dificuldade por parte dos modelos atuais em contemplar todos os elementos que estão presentes nos processos de decisão. Na sua grande maioria esses modelos dão conta apenas de decisões de cunho mais operacional e técnico, as quais podem ser classificadas em rotinas. Ainda há um campo aberto para pesquisas que se empenhem em compreender decisões que são chamadas “não estruturadas” e/ou “não racionais”. Nesses casos há fortes considerações acerca da própria pessoa, quem é, qual sua história, de que forma se relaciona com a situação que se lhe apresenta, ou seja, há uma forte presença de elementos mais subjetivos, como as emoções e a intuição, por exemplo.

Portanto, este trabalho busca compreender de que forma a intuição racionalizada atua nos processos de gestão e de liderança. Este artigo tem como objetivo geral estudar a visão da Ciência Ontopsicológica acerca da aplicação da racionalidade sobre a intuição, considerando a liderança e a gestão de negócio. Para alcançar o objetivo proposto desenvolveu-se uma pesquisa de característica de estudo teórico, na qual inicialmente se buscou apresentar considerações sobre a Ciência Ontopsicológica, de modo a apresentá-la, uma vez que esta ciência fundamentará o estudo. Em seguida é realizado um breve estudo das diversas correntes sobre intuição ao longo da história, citando algumas que abordam sobre a intuição e se identifica, após, a visão da intuição para a Ciência Ontopsicológica. Também se investiga a relação entre a racionalidade e a intuição, finalizando com uma análise de como a intuição pode ser aplicada na área de gestão de negócios e liderança. Para tanto, fez-se necessário abordar alguns aspectos de liderança e gestão considerando como o conhecimento da cultura humanista pode auxiliar na compreensão e aplicação da intuição por parte do líder e gestor.

2 Considerações sobre a Ciência Ontopsicológica

Nessa primeira parte do estudo apresenta-se brevemente e de modo teórico considerações sobre a Ontopsicologia, apresentando suas descobertas científicas e alguns conceitos. Inicialmente se traz uma definição de Ontopsicologia tendo como base as obras do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, fundador da Ciência Ontopsicológica. Na sequência, são abordadas as três descobertas (Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão), os quais fornecem fundamento epistêmico ao conhecimento (MENEGHETTI, 2010).

2.1 Definição de Ontopsicologia

Conforme Meneghetti (2001a):

A Ontopsicologia é a última nascida entre as ciências contemporâneas, que tem por objetivo a análise da atividade psíquica. Inscreve-se no filão da psicologia humanista-existencial. Elabora-se no êxito clínico do desaparecimento da noxa patógena e na realização da pessoa, segundo a objetiva intencionalidade do projeto de concreta natureza... (MENEGHETTI, 2001a, p. 195).

Meneghetti (2001a) esclarece que o termo Ontopsicologia, em seu aspecto etimológico compõe-se das palavras “onto”, que do grego e significa “ser”,; “logia”, de logos, que significa “estudo”, e “psico” que significa “alma”. Portanto, Ontopsicologia significa “estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, não excluída a compreensão do ser” (MENEGHETTI, 2010, p. 19). Assim, conforme o autor, “estudar psicologia segundo as coordenadas do real ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser. Trata-se de partir do real fato antropológico e não da cultura ou das suas reflexões” (ibid.), mesmo que considere todo o aspecto histórico, cultural, social e temporal.

Fundamentalmente, a Ontopsicologia analisa o valor positivo e criativo presente em cada ser humano. Por meio dos instrumentos de análise¹ e de intervenção² que esta Ciência disponibiliza é possível que o sujeito conscientize seu potencial de natureza e

¹ Conforme Meneghetti (2004, p. 27) “os instrumentos de diagnóstico são: anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, análise fisiognomônico-cinésico-proxêmica, análise onírica, análise do campo semântico, resultado (...). Verifica-se se o fato é funcional ou distônico ao inteiro do sujeito”.

² Meneghetti (2004, p. 28) define os instrumentos de intervenção da Ontopsicologia como: “psicoterapia individual e de grupo, consultoria de autenticação, consultoria empresarial e de liderança, imagogia, cinelogia, melolística, *melodance*, hidromúsica solar, psicotea, *residence*”.

atue-o na história, obtendo o desenvolvimento integral da própria personalidade em âmbitos de saúde, criatividade, economia, relações sociais, empreendimentos, *business*, etc. (MENEGETTI, 2010).

“A Ontopsicologia analisa o homem no seu fato existencial e histórico”, de modo que seu principal objetivo é o desenvolvimento criativo do indivíduo para que seja função para si e para a sociedade (MENEGETTI, 2001a).

A Ciência Ontopsicológica representa na contemporaneidade uma novidade científica. Sua metodologia é aplicada com sucesso nos campos econômico, político, médico, artístico, científico e pedagógico, como suporte à figura do líder, entendido como intuição ativa de soluções para o social. Portanto, ela é ciência epistêmica e interdisciplinar, pois busca autenticar o homem responsável, agente em cada um desses campos.

Devido a tantos fatores históricos e sociais, o homem perdeu parte de sua intuição e inteligência nativa. Recuperando a sua integridade, isto é, autenticando-o, é possível o conhecimento de tudo o que diz respeito aos seus interesses e ao seu sucesso.

...Todo discurso ontopsicológico é o de ensinar a recuperação da consciência da unidade de ação, ou seja, a recuperação da exatidão de consciência do sujeito operador no social e também do operador de ciência. O famoso “conhece-te a ti mesmo” significa simplesmente: colher o inteiro da própria exatidão de natureza. Se você quer conhecer o universo, a verdade, tudo aquilo que é vida, deve partir da exatidão do quanto você existe (MENEGETTI, 2010, p. 27).

Assim, na medida em que se sabe o quanto se existe, tanto se tem o poder de conhecimento. Por isso, a tarefa fundamental é recuperar a integridade de consciência sobre a informação orgânica, para que a informação a respeito das relações, das situações e dos contextos seja de fato condizente com a realidade existente, e assim se possa fazer ciência exata e produzir conhecimento exato (MENEGETTI, 2010).

Fazer ciência significa, conforme Meneghetti (2004, p. 28) “escolher um espaço operativo e compreender suas causas para variá-las ao discernimento da funcionalidade”. A Ontopsicologia tem por objetivo a experiência psicológica, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la. Neste sentido, a esse escopo é indispensável primeiramente (1) individuar o original – o projeto de natureza de cada sujeito; (2) isolá-lo das conexões, portanto individuar também os elementos destas conexões; (3) especificar os terminais de ambos (o original e conexos); (4) estabelecer, com base nesses confrontos, a evolução do original e ativar exclusivamente aqueles metabolismos que reforçam a evolução do original no seu constituir-se em crescimento aberto (MENEGETTI, 2010, p. 27-28).

A Ontopsicologia tem uma visão de homem e de mundo. A visão diz respeito a como a Ontopsicologia compreende o homem e vê o mundo, qual é a sua atitude em relação à realidade e o seu modo de saber o real (MENEGETTI, 2010).

Portanto, o homem, na visão da Ontopsicologia, é um ser protagonista responsável, baseado sobre uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser (MENEGETTI, 2010). A Ontopsicologia é demonstrada no desaparecimento do sintoma ou problema e no próprio desenvolvimento do sujeito sobre o plano da funcionalidade integral a si mesmo sobre a globalidade existencial, com precisos resultados positivos a si mesmo em contexto histórico.

2.2 As três descobertas da Ontopsicologia

A Ciência Ontopsicológica possui descobertas próprias de acordo com o seu proceder científico e percurso de pesquisa e aplicação prática.

Conforme Meneghetti (2004, p. 134) “a Ontopsicologia diversifica-se de todas as outras ciências com base em três descobertas inovadoras e exclusivas: Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão”. Ou seja, a pesquisa ontopsicológica descobriu três realidades cardinais para compreender a existência humana, a partir das quais funda toda a própria teoria e práxis.

O Em Si ôntico é entendido como o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa em âmbito biológico, psicológico e intelectual. Com base neste princípio, descobriu-se que a natureza humana possui um projeto próprio, que é base de todos os fenômenos do agir humano (MENEGETTI, 2010).

O Em Si ôntico é o fundamento ou critério de toda a Ontopsicologia. Critério é o princípio que legitima o discurso de toda teoria e relativa demonstração. É a base para julgar, distinguir, confrontar, o ponto ou medida para fazer o igual. Meneghetti (2004) afirma que:

O Em Si ôntico é a radicalidade da atividade psíquica, o projeto da natureza que constitui o ser humano. O critério metodológico para identificar o Em Si ôntico, é a identidade funcional do sujeito. Toda a práxis ontopsicológica consiste na identificação, no isolamento e na aplicação do Em Si ôntico. Com isso, restitui-se ao homem a capacidade e autenticidade e de evolução criativa na própria existência (MENEGETTI, 2004, p. 134).

Os filósofos da Antiguidade o denominavam alma. O diferencial que a Escola Ontopsicológica traz à ciência sobre este princípio é que conseguiu identificá-lo (dizer o que é), isolá-lo (caracterizá-lo) e aplicá-lo (como atuá-lo na história). Quando atuado na história, verifica-se uma retomada do desenvolvimento integral do ser humano (MENEGETTI, 2010).

Segundo Meneghetti (2001a) o “Em Si ôntico é o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual” (MENEGETTI, 2001a, p. 88).

O Campo semântico é a comunicação inconsciente³, anterior a todas as outras formas de comunicação (verbal, gestual, corporal, etc.). Constitui-se como a forma primordial de conhecimento e interação que todo ser humano possui, porém que não conhece. “O campo semântico é a comunicação-base que a natureza usa entre as suas individuações” (MENEGETTI, 2004, p.134).

O monitor de deflexão é um dispositivo que age na psique humana defletindo a reflexão das percepções egoceptivas do indivíduo, alterando o conhecimento do real (MENEGETTI, 2010).

Meneghetti (2004, p. 135) explica que “o *monitor de deflexão* é o mecanismo que distorce e interfere na exatidão dos processos cognoscitivos e voluntaristas do ser humano, determinando toda a fenomenologia regressiva conhecida pelo homem como doença, dor, angústia, falência sócio-econômica, etc.”.

A Ontopsicologia mediante as três novas descobertas científicas, apresentadas anteriormente, dá uma base para aproximarmos da intuição. Partindo da ideia de que intuir é descobrir, perceber ou ver sem recorrer a raciocínio ou análises, compreende-se que intuição é ver diretamente o íntimo da ação.

A Ciência Ontopsicológica individuou as fenomenologias do Em Si ôntico, analisou o que escolhe, o que lhe é próprio e identificou o que esse núcleo pode metabolizar. Os seres humanos, se querem ser sadios e inteligentes, devem servir esta ordem de natureza, intrínseca a si mesmos. A Ontopsicologia, após ter identificado as fenomenologias do Em Si ôntico, viu o que produz, o que quer, o que o confirma e também o que o diminui. A informação do Em Si ôntico é a intuição. Seguindo-a tem-se o resultado do desaparecimento do sintoma, o resultado da realização do sujeito, da confirmação da ordem de natureza (MENEGETTI, 2007, p. 25).

³ Inconsciente é o quântico de vida, de inteligência por meio do qual existimos, mas não conhecemos, do qual não temos nenhuma reflexão consciente (MENEGETTI, 2008, p. 32).

Neste sentido, por exemplo, quando um ser humano se encontra em uma determinada situação de dificuldade, ou está doente, ou sua empresa está com problemas fiscais, ou em perda, etc., o ótimo para ele, naquela situação, é indicado pela identidade em situação. “Para compreender o que está errado, o que é preciso mudar, o que é preciso indicar, é necessária exclusivamente a *indicação prática do Em Si ôntico individual*” (MENEGHETTI, 2007, p. 25).

Ao final, como pontua Meneghetti (2007), “os resultados, os efeitos são os últimos apodícticos que confirmam a hipótese programada pelo Em Si ôntico. Entre várias fenomenologias expostas pelo Em Si ôntico, há a intuição” (MENEGHETTI, 2007, p. 24).

A descoberta do campo semântico, como transmissão de informação sem deslocamento de energia, foi a intuição inicial para formalizar a Ciência Ontopsicológica. Assim, pela intuição capta-se a essência fluida de uma realidade, mas para que esta percepção aconteça se requer do cientista uma consciência pura e transparente, ou seja, uma consciência que não seja fundamentada em estereótipos, requer-se a exatidão de consciência do sujeito operador no contexto social. Em base a esta exigência, por parte do cientista, a Ontopsicologia sublinha a necessidade de tornar exata a consciência, para que a mesma não seja fundamentada em convicções e aderências impróprias por serem estranhas ao mundo-da-vida ou ainda à ordem inerente à natureza. Portanto, para que se obtenha visão clara, evidente e imediata do real em ação é necessário fazer metanoia⁴, ou seja, mudança de consciência, acompanhada de estudo que leve à compreensão do mundo-da-vida (MENEGHETTI, 2004).

3 Correntes de pensamento sobre a Intuição

Considerando que na história da filosofia e do conhecimento como um todo muitos autores se empenharam em produzir uma ideia referente ao constructo teórico da intuição, neste estudo, citamos alguns que reforçam e contribuem na compreensão desta categoria na linha de pensamento da Ciência Ontopsicológica.

⁴ Metanoia: variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori (MENEGHETTI, 2001, p. 176).

3.1 A intuição nas correntes de pensamento clássico

Para Platão a sensibilidade inicia o conhecimento, no entanto, o contato sensível das coisas atinge somente as aparências e não mais do que a condição do conhecimento. A percepção dos sentidos fornece a matéria do conhecimento, porém, não pode dar o conhecimento verdadeiro. A experiência esfacela o que está pré-contido numa unidade e não pode tornar-se base do conhecimento autêntico (REALE, 1994).

Ainda conforme Reale (1994), Platão coloca a intuição no ápice do processo evolutivo do conhecimento, em que a mente se reconhece como princípio unitário que ilumina a diversidade fenomenológica.

De acordo com Fabro (1959), Santo Agostinho ao abordar a visão platônica da alma, diz que: “a espiritualidade da alma apresenta-se como uma verdade imediatamente evidente: objeto da intuição, mas de uma intuição, de uma evidência que foi obscurecida por pré-convicções e que, por isso, se faz necessário redescobrir” (FABRO, 1959, p. 152).

Na realidade, a intuição corresponde ao próprio ser que sabe, sem que esteja incluído no saber científico. De modo que quando a mente contempla a si mesma, ela se reconhece como princípio iluminante do conhecimento científico. Portanto, importante se faz integrar a intuição, como informação relevante, ao próprio processo de conhecimento científico (FABRO, 1959).

Para Aristóteles, a intuição é a pura captação dos primeiros princípios. Não há nela nem mesmo aquela abstração, ou seja, aquela passagem do universal para o particular, ela é imediata e não discursiva. Ora, colocando a intuição como fundamento do saber discursivo, Aristóteles revela que o conhecimento discursivo supõe um conhecimento não discursivo, e que o saber mediato pressupõe um saber imediato. Enfim, que o conhecimento científico, isto é, aquele que procede de uma demonstração, se baseia, em última instância, num conhecimento não científico (REALE, 1994). Segundo Aristóteles:

Dado que dos hábitos racionais com os quais captamos a verdade, alguns são sempre verdadeiros, enquanto outros admitem o falso, como a opinião e o cálculo, enquanto o conhecimento científico e a intuição são sempre verdadeiros, e dado que nenhum outro gênero de conhecimento é mais exato que o conhecimento científico, exceto a intuição e, por outro lado, os princípios são mais conhecidos que as demonstrações, e dado que todo conhecimento científico constitui-se de maneira argumentativa, não pode haver conhecimento científico dos princípios, e dado que não pode haver

nada mais verdadeiro que o conhecimento científico, exceto a intuição, a intuição deve ter por objeto os princípios. Isso resulta na pesquisa, não só a quem faz essas considerações, mas também do fato de o princípio de demonstração não ser uma demonstração; conseqüentemente, o princípio do conhecimento científico não é científico. Então, se não temos nenhum outro gênero de conhecimento verdadeiro além da ciência, a intuição será princípio da ciência. A intuição, então, pode ser considerada princípio do princípio, enquanto a ciência, no seu conjunto, é princípio com relação à totalidade do que é seu objeto (ARISTÓTELES, 1994, p. 463).

Ou seja, Aristóteles quando busca fundamentar a demonstração científica, ao referir-se à intuição afirma que ela deve ser considerada o princípio dos princípios. E segue afirmando que nada pode ser mais verdadeiro do que o conhecimento científico, exceto a intuição. Ou seja, a intuição, segundo Aristóteles estaria acima da ciência, sendo, portanto, a base da ciência. Neste sentido Reale (1994) menciona que a intuição é a captação pura dos primeiros princípios, de modo que o conhecimento discursivo supõe um conhecimento não-discursivo, assim como a possibilidade do saber mediato supõe, necessariamente, um saber imediato (VIDOR, 2011).

Bergson (1907) propõe o intuicionismo filosófico, de modo que a ciência e o senso comum conhecem a realidade em função dos interesses da vida. O filósofo ao contrário, volta seu olhar para o movimento interior, para a duração, na qual consiste a vida. Bergson (1907) via a intuição como o principal caminho para o conhecimento, que advém através de percepções primárias, imediatas, de acordo com nossas experiências.

Dessa forma, percebemos que a intuição faz o contato imediato com a realidade em nós: a realidade de nossa pessoa, esta realidade pode ser conhecida na sua pureza natural, como ela é em si. A função da filosofia consiste na volta do espírito a si mesmo. O espírito é por essência intuição, assim a intuição é o conhecimento do espírito pelo espírito (REALE, 1994).

Segundo Parikh et al. (1994), foram Myers e Briggs que, influenciados pelos estudos sobre os tipos psicológicos de Jung, levaram o tema da intuição até as fronteiras das grandes organizações. Jung agrupou a intuição como uma função não racional, já que, segundo ele, constata apenas experiências, mas não as avalia e que não surge diretamente por estímulo externo, ou seja, não necessariamente por uma experiência real (SCHULTZ e SCHULTZ, 2002).

Apesar dos conceitos mais difundidos sobre o que é a intuição, como funciona e para que serve, sejam bastante imprecisos e muitas vezes até pouco críveis, ela é uma capacidade humana inata (MENEGETTI et al., 2007, p. 92). Porém, bastante

complexa de se definir, já que ocorre quando é necessário, sem nunca haver sido aprendida formalmente pelo sujeito (PARIKH et al., 1994).

O pensamento racional e o pensamento intuitivo são modos complementares de funcionamento da mente humana. O pensamento racional é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir, classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não intelectual, da realidade, em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não linear (CAPRA, 1982, p. 35).

Pillotto (2006) define a intuição como sendo uma forma de conhecimento, já que toda a apreensão está ligada às interpretações do indivíduo a partir das relações que se estabelece com o meio exterior. Portanto, o conhecimento sensível é fundamental nos processos de formação do indivíduo, já que propicia um saber mais profundo a respeito dele próprio, dos outros e do que está à sua volta.

Para alguns autores e pesquisadores, a intuição apresenta diversas definições. Dessa forma, propicia muitas dúvidas quanto ao entendimento. É importante ressaltar que a intuição não é o oposto da racionalidade, nem um processo de adivinhações. A intuição corresponde aos pensamentos, às conclusões ou às escolhas dos processos mentais de acordo com Chet Miller e Duane Ireland (2005).

Kahneman (2003) explicou intuição através dos dois Sistemas Cognitivos de Sloman (2002), estando esta no primeiro deles. Para julgamento e tomada de decisão, explica que os julgamentos intuitivos se baseiam nas percepções do indivíduo que auxiliam na formação de conceitos. Os objetos são, então, percebidos, processados nos pensamentos e verbalizados. A intuição auxiliaria a formação de julgamentos de forma involuntária.

A intuição tem um papel fundamental na tomada de decisão, contudo, ora é vista como sendo uma propriedade do indivíduo, muitas vezes inata, ora é tida como um elemento que desvirtua o decisor de um caminho racional (SIMON, 1987; KLEIN, 1998; ARIELY, 2008; BAZERMAN e MOORE, 2009; LEHRER, 2009). Na verdade, um modelo de tomada de decisão não pode ser completo se este não considerar a intuição no processo.

De acordo com Hodgkinson et al. (2009), no campo da gestão o conceito de intuição parece ter encontrado um consenso, o qual apresenta as seguintes características :

- Capacidade de atingir diretamente o conhecimento ou entender sem a aparente intrusão do pensamento racional ou interferência lógica;

- Nem o oposto da racionalidade, nem um processo aleatório de adivinhação, intuição corresponde aos pensamentos, conclusões e escolhas produzidas em grande parte por meio de processos mentais não-conscientes;

- Julgamentos carregadas de emoções que emergem por meio de associações rápidas, não-conscientes e holísticas (HODGKINSON et al., 2009, p. 280).

Klein (1998), assim como Simon (1987), aborda a intuição não como algo mágico, impossível de ser adquirido. Com base em seus estudos, o autor verificou que, na verdade, a intuição é algo que pode ser adquirido, através de experiências diversas, percepção interna, autoconhecimento, e, portanto, é melhor compreendida como sendo uma habilidade do que um dom. Quanto mais experiências o indivíduo vivencia no dia-a-dia de suas atividades, mais ele vai se apropriando das diferentes situações e, por consequência, os caminhos escolhidos, e isto tudo vai sendo acumulado e depois fará parte do processo intuitivo.

Simon (1987) faz uma afirmação de que a intuição nada tem de irracional, e que ela não é um processo que opera de forma independente (da análise), ao contrário, razão e intuição são complementares.

3.3 A intuição de acordo com a Ciência Ontopsicológica

Intuição é um termo de raiz latina: *intus* (íntimo, dentro) + *actionis* (ação) e significa o íntimo da ação, o dentro. O mesmo termo pode ter a raiz latina *tueri* (ver) + *in* (em) e significa ver dentro e corresponde à ação de ver diretamente (MENEGHETTI, 2001, p. 148). Deste modo, pode-se afirmar que se trata da visão que colhe o íntimo do ser, portanto, colhe os modos e as estruturas de um projeto de ação. Pela intuição sabe-se a identidade e a funcionalidade do projeto antes que se formalize o evento ou fenômeno (MENEGHETTI, 2008).

A intuição significa onde está o ponto causa do evento realizante. É o conhecimento fenomênico e único do Em Si ôntico. Assim, a intuição dá a consciência de um momento de realidade oportuna para si mesmo, ou no caso de um perigo, indica qual é a passagem, se existe, para evitar aquele problema.

A intuição é dada de repente, porém, depois, é preciso esperar o momento oportuno de agir a informação veiculada pela intuição. A intuição não se pensa, faz-se:

segue-se sincronizando a ação com a vontade e a determinação no momento ou no contexto. A intuição dá ênfase e aumenta todos os prazeres, do comer ao dormir, ao sucesso. A intuição pura é uma visão clara que não implica emoção porque, se for colocada emoção na intuição, faz-se confusão (MENEGHETTI, 2001b, p. 99-102).

Ocorre que os autores que abordam o tema da intuição, de modo geral, discorrem e analisam os efeitos. A componente emocional que colhemos inconscientemente, ainda que não saibam de onde se origina, não pode fazer parte da intuição. A intuição é muito anterior, é ataraxia, imperturbabilidade (BERNABEI, 2007).

Bernabei (2007) afirma diretamente “para que se possa falar de intuição, além de um processo de autenticação contínuo, é necessário, contemporaneamente, o estudo racional da Ontopsicologia” (BERNABEI, 2007, p. 97). Com a consultoria de autenticação⁵ Ontopsicológica, pode-se tornar exata a consciência do cliente, porque não é a realidade de seu inconsciente que está errada, mas o modo pelo qual ele se pensa e se crê correto.

4 Liderança e Gestão

Administrar, gerenciar ou gestão é o processo de tomar, realizar e alcançar ações que utilizam recursos para atingir objetivos (resultados). Sua principal razão é o impacto sobre o desempenho das organizações. É a forma como são administradas que torna as organizações mais ou menos capazes de utilizar corretamente seus recursos para atingir os objetivos propostos.

O que se considera relevante na abordagem de liderança, de acordo com a Ciência Ontopsicológica, é a referência à vida interior do sujeito, aos seus aspectos subjetivos, que complementa toda a formalização científico-acadêmica produzida nas áreas de administração, economia, ciências humanas e sociais aplicadas até hoje.

Por líder, Meneghetti (2007):

...indica o dirigente, aquele que controla as operações. Ele é uma capacidade de síntese de um contexto de relações. Ele é o centro operativo de diversas

⁵ Consultoria de autenticação: é um tipo de consultoria ontopsicológica, “uma relação dialógica entre o especialista técnico em Ontopsicologia e um cliente em busca de uma solução pessoal, política, econômica” (MENEGHETTI, 2008, p. 69). “A consultoria de autenticação pertence a qualquer indivíduo que sabe ser um sujeito da vida, porque está exclusivamente em função da pessoa (...). A Escola Ontopsicológica é a primeira a falar de consultoria de autenticação” (MENEGHETTI, 2010, p. 293).

relações e funções. O líder é aquele que consegue lidar hierarquicamente com muitas funções, construir e controlar essas funções, desenvolver e conduzi-las sempre com uma precisa referência a um objetivo, a um escopo definido. Uma vez estabelecido o escopo, o líder é aquele que irá criar os meios e as pessoas que serão função para que o escopo possa ser atingido (MENEGHETTI, 2007, p. 22).

Conforme Meneghetti (2001), “o líder é o centro operativo de diversas relações e funções, é aquele que sabe individuar a proporção de como se movem as relações da vida e sabe aplicar, a cada situação, a fórmula justa para resolver e realizar econômica, política e socialmente” (MENEGHETTI, 2001, p. 154). Ou seja, o líder é uma pessoa que pode e sabe administrar o poder do próprio corpo social⁶, garantindo a este identidade funcional e, conseqüentemente, crescimento. Pode-se afirmar que o líder media a funcionalidade do corpo social de modo a proteger e defender por inteiro a identidade de existência e o valor do grupo e, sobretudo, garantir o crescimento qualitativo e extensivo da ação do corpo social.

Aquilo que caracteriza o comportamento do líder é a sua racionalidade eficiente ao escopo do corpo social, segundo uma especificidade que pode destacar a sua unicidade pessoal ou individual. Pessoal, no que se refere à sua inteligência; individual, no que se refere à sua imagem psicofísica. Por racionalidade eficiente ao escopo, entende-se a capacidade de coordenar os meios necessários e de reforço para atuar a realização funcional do corpo social sobre a urgência histórica. Ele é determinístico ao escopo funcional pré-escolhido e varia os meios com racionalidade econômica (MENEGHETTI, 2007).

Em Meneghetti (1999), encontra-se referência ao princípio elementar do potencial de natureza, o instinto-princípio vital do humano que considera a liderança de modo casual, ou seja, se um indivíduo ocupa uma posição de autoridade e o grupo a aceita, então o indivíduo já seria um líder. Em todo o mundo, em inúmeras sociedades, houve um enorme interesse na identificação do líder, de seu papel, características e desenvolvimento. Não obstante a riqueza da literatura atual sobre o argumento optou-se como referência para esta pesquisa a visão de líder de Meneghetti (2007).

Um líder efetivo, mais do que uma atenção constante aos movimentos do mercado que possam afetar ou exercer influência sobre seu negócio, deve possuir uma dedicação diária ao desenvolvimento de seu grupo de trabalho. Quanto mais funcional e

⁶ “O corpo social é a área de psicologia territorial que, de fato, o líder polariza: crédito, ideologia, colaboradores, organização, indivíduos e setores de um interesse que o líder especifica e une” (MENEGHETTI, 2008, p. 95).

ajustado for seu grupo de trabalho, mais efetiva será a ação do líder e, ao mesmo tempo, mais elevada será a velocidade na qual seu negócio segue em direção aos seus resultados. Desta maneira, a habilidade para selecionar, desenvolver e motivar seu corpo funcional é um fator-chave para seu sucesso, tanto quanto o é seu potencial natural para perceber as mudanças do mercado e, desta forma, se posicionar corretamente em situação de vantagem.

De acordo com Meneghetti (2008), um líder de sucesso deve realizar sete pontos, os quais define como “os sete pontos do empreendedor”:

O primeiro diz respeito ao “potencial natural”, que varia por especificação e por intensidade: os indivíduos não nascem com o mesmo potencial. A disposição natural para dirigir e comandar difere de um indivíduo para o outro.

O segundo diz respeito à “evolução técnica racional em identidade com o potencial natural”, isto é, é necessário unificar a educação, estudos, experiências, atividades e sacrifícios com as próprias tendências pessoais.

O terceiro refere-se à “ambição”: além do potencial natural e de uma técnica precisa, os líderes precisam ser ambiciosos. A ambição é o vetor do potencial inato do sujeito. Isso também implica a coragem de um desempenho superior, proporcional ao seu talento natural. A vontade é tão importante, ou mais importante do que a inteligência em si. Uma pessoa que possui uma vontade mais forte obtém mais resultados históricos em comparação a um indivíduo mais inteligente e sem vontade e sem ambição.

O quarto ponto está relacionado ao “amor pelo próprio trabalho”: amar seu próprio produto ou serviço é primordial para os líderes. Quando amam o que fazem, eles transferem este sentimento para todas as pessoas ao seu redor e cada um sente-se parte desta liderança. O amor do líder com relação à produção de seu trabalho é uma distribuição de valores subjetivos.

O quinto ponto é o “conhecimento superior e específico sobre seu setor”: é importante possuir o conhecimento mais atualizado e detalhado possível no campo de trabalho pessoal. Nenhuma outra pessoa deve saber o mérito do líder melhor do que ele. Não é essencial que os líderes possuam todo o conhecimento possível, mas eles devem ser *experts* na área em que decidiram desenvolver suas ações. Deve possuir uma competência competitiva, isto é, competência de conhecer e saber fazer seu *metier*, porém, melhor que os demais, com maior excelência, eficiência e qualidade.

O sexto ponto é a “transcendência solitária ao utilitarismo funcional”: os líderes devem possuir uma mente livre para serem capazes de analisar qualquer impacto relacionado ao seu campo de ação. Significa estar acima das situações e relações, e não dentro delas. Os líderes devem ter a coragem de serem sozinhos para ver, de modo objetivo, a resposta para o sucesso.

E, por fim, o sétimo ponto diz respeito à “racionalidade sobre a intuição”: a capacidade de racionalização da intuição significa possuir uma visão clara e prática do que deve ser feito em cada situação, de acordo com toda a discussão teórica que foi apresentada até aqui.

4.1 Aspectos fundamentais da formação do líder que contribuem à racionalidade sobre a intuição

4.1.1 O inconsciente e a inteligência

“Com o conhecimento ontopsicológico, um indivíduo, em primeiro lugar, está em condições de compreender a totalidade da estrutura do próprio inconsciente, que é a melhor parte do próprio quântico de inteligência, de vida” (MENEGETTI, 2008, p. 37).

Para a Ciência Ontopsicológica, o inconsciente é uma realidade psíquica na qual o indivíduo é, mas não a conhece, porém essa realidade continuamente comunica. Uma pessoa, ao utilizar a metodologia ontopsicológica, é capaz de decodificar a linguagem do inconsciente.

Com o conhecimento da Ciência Ontopsicológica, pode-se compreender quem se é, que características são específicas, originárias de cada pessoa e, portanto, como cada um pode construir sua vida com maior eficiência. Ao levar-se em consideração que a consciência do indivíduo não é determinada pela sua vontade, mas já está condicionada pelos mecanismos inconscientes nela operantes, a metodologia ontopsicológica auxilia a pessoa a reeducar a sua consciência, de modo que ela seja um espelho das coisas como de fato são, não de como ele as julga ou pensa que são. Isso amplia sobremaneira a segurança na tomada de decisões, pois amplia a visão a respeito do problema a ser resolvido/afrontado, e facilita a leitura da intuição como conhecimento preciso a ser aplicado no contexto econômico da empresa (MENEGETTI, 2010).

O segundo resultado proporcionado por esse conhecimento é a compreensão do impacto que o indivíduo causa nas outras pessoas. “Pode conhecer os impulsos, as dinâmicas e os determinismos que o sujeito, inconscientemente, opera com as pessoas que estão no seu ambiente” (MENEGETTI, 2008, p. 37). Ao observar os impactos que a pessoa causa no ambiente em que está inserida e ao considerar, especialmente, as pessoas as quais se relaciona, possibilita-se a tomada de consciência e a responsabilização pelos resultados de suas ações.

Para compreender a inteligência inconsciente, segundo Meneghetti (2006), é preciso conhecer o primeiro e fundamental mover-se do homem, isto é, como a atividade psíquica formaliza a si mesma e qual é a radicalidade da atividade psíquica. Então, pode-se entender em que direção está se movendo esta inteligência e quais efeitos ela está formalizando. Por atividade psíquica, Meneghetti (2001, p. 31) entende “uma forma que presencia e especifica a ação”. A atividade psíquica pura não é tanto energia, mas é o processo de formalização.

Somente uma coisa poderia ser vista como espaço aberto: a inteligência. A inteligência tem a capacidade de avançar ou regredir como quer, porque pode encobrir-se do tempo, e do espaço, é uma capacidade do Em Si ôntico. A primeira energia que o homem possui à disposição neste planeta é a inteligência (MENEGETTI, 2007). É importante observar, em relação à inteligência humana, que:

Hoje, discute-se no mundo sobre petróleo, carbono, urânio etc., e estamos preocupados. Porém, a energia-base que funda todas as outras é a **inteligência**. Um povo ou uma escola que saibam gerenciar esse enorme poder da inteligência, que é derivado do Em Si, possui a energia-base que pode controlar qualquer outra energia. Trata-se de entrar diretamente no mérito de **como se facilita a inteligência, ensinar às instituições como serem produtoras de inteligência**, não de estilos, de costumes, de morais ou regras, mas da inteligência em si e por si, isto é, entrar no vivo do rendimento do próprio Em Si (MENEGETTI, 2008, p. 11).

Segundo Meneghetti (2007), é a inteligência do líder que coordena os meios para obter o sucesso na implementação do planejamento estratégico e de todos os demais planejamentos na área empresarial/organizacional. Daí porque se torna fundamental o líder recuperar a integralidade de sua inteligência por meio da consultoria de autenticação. Além disso, é importante lembrar que inteligência, do latim, etimologicamente significa *intus legere*, ou seja, é a capacidade que o sujeito possui de poder compreender dentro cada situação, e não somente a partir de lógicas externas, de critério convencional, de ideologias e crenças, etc. Nesse sentido, percebemos que a

inteligência nativa-original do ser humano é intuição, e que saber compreender a intuição é uma grande capacidade de inteligência, que depois se aplica no fazer do líder, em cada pequena e grande ação do cotidiano.

Meneghetti (2001, p. 84) esclarece que: “o inconsciente é intuição, percepção extra-sensorial, espiritual, lógica intelectual; é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que age, de qualquer modo, além da lógica consciente”. Dada esta realidade do inconsciente ou ignorância do homem a respeito de si mesmo, Meneghetti (2001, p. 85) diz que, “para alcançar a realidade acerca de si mesmo, é necessária uma psicoterapia de autenticação, análise que consente ao sujeito recuperar, em total consciência, o quântico de inteligência que é”, portanto, para *afinar seu radar* enquanto capacidade de leitura exata da intuição, é indispensável ao líder a realização da consultoria de autenticação.

4.1.2 Preparação global para a formação

O líder, em sua preparação global como unidade de ação deve realizar e considerar três aspectos fundamentais de formação pessoal e profissional:

- 1) *Conhecer o inconsciente*: neste sentido, Meneghetti (2008) argumenta que “o inconsciente é uma parte da vida e da inteligência do homem,”. E segue considerando que durante a vida, o indivíduo encontra situações nas quais gostaria de ter a certeza de que seu *business* terá sucesso ou se terá perda. “A resposta já está no inconsciente de quem opera” (MENEGHETTI, 2008, p. 32), e pode ser compreendida mediante a compreensão exata da informação da intuição.
- 2) *Transcender os estereótipos*⁷: Meneghetti (2008) explica que o segundo nível diz respeito à necessidade de ter uma maturidade que seja capaz de transcendência de estereótipos, colocando-se acima das morais e das culturas correntes por meio da capacidade racional do *businessman*. É, “portanto, a transcendência como atitude a colocar-se acima de determinados valores para realizar o escopo do ganho, o escopo da funcionalidade” (MENEGHETTI, 2008, p. 29).

⁷ “Estereótipo é uma conduta, um hábito geral, um modo mental comum a uma sociedade ou a um grupo” (MENEGHETTI, 2008, p. 29). Estereótipos são modelos de comportamento.

- 3) *Formação cultural*: Conforme Meneghetti (2008) a formação cultural implica em três aspectos: cultura geral, cultura específica e experiência nas relações diplomáticas.

Por cultura geral entende-se a necessidade do homem estar informado sobre a cultura de seu país e do seu ambiente. Ou seja, deve saber um pouco de tudo, sendo um operador no interior dos interesses humanos, deve conhecê-los (MENEGETTI, 2008).

Cultura específica, diz respeito à condição de que no campo operativo pré-escolhido deve ser o máximo *expert*. De modo que “a inteligência no próprio setor é a garantia para progredir economicamente” (MENEGETTI, 2008, p. 27). Além disso, precisa ter uma cultura teórica e prática. Prática no sentido de conhecer de modo manual, concreto, o objeto de seu trabalho. E Meneghetti (2008, p. 27) salienta que “a primeira economia de todo o universo é sempre a inteligência”. De modo que é a inteligência da pessoa que constrói a riqueza, o dinheiro, os meios, os valores: este é o fundamental e o real princípio de qualquer bem-estar. Finalmente conclui: “se as coisas não vão bem comercialmente, é o operador que é incapaz” (MENEGETTI, 2008, p. 28), pois ele é o primeiro responsável por cada ação que realiza ou deixa de realizar.

A experiência nas relações diplomáticas diz respeito a condição de que deve ser um artista no saber orquestrar as relações com os diversos agentes do seu contexto. Assim, o aspecto diplomático está relacionado diretamente à situação de “saber ganhar as pessoas, se quiser ganhar o seu dinheiro” (MENEGETTI, 2008, p. 28), e consequentemente desenvolver com êxito, eficiência e resultados o seu projeto.

Meneghetti (2008) afirma ainda que qualquer operador, principalmente o líder, precisa ter a capacidade de saber produzir pessoas funcionais ao seu escopo, pois os colaboradores não se encontram prontos.

De modo amplo, a cultura dá o infinito, dá abertura, dá prazer, dá satisfação, dá domínio; assim, se você sabe, você domina, do contrário, qualquer coisa serve. O motivo não é somente de qualificar, o crescimento de personalidade, o crescimento de civilidade, o crescimento de humanismo, mas de dar suporte, um novo alimento, uma nova energia, um novo potencial à intuição (MENEGETTI, 2010).

Entende-se, então, que a intuição não nasce gratuitamente. Precisa ser preparada, nutrida, isto é, existe um tirocínio de intuição para ser vencedor, e é necessário dar elementos capazes de aguçar a percepção da intuição, enriquecendo-os, qualificando-os continuamente. Como a cultura que é a sumidade de cada bem, dar este alimento

prioritário, de tal modo que a intuição é a escolha ótima última de cada circunstância que o líder pode ter, porém, se a toma se sabe, conhece, sabe em antecipação.

Conforme bem explica Meneghetti (2010)⁸ o Em Si ôntico “fala” através de motivações culturais de música, de poesia, tem passagens infinitas, é livre, e nós devemos lhe dar muitas estradas de instrumentalização. Caso essa instrumentalização não ocorra, o Em Si ôntico não possui mais uma via de acesso ao Eu lógico-histórico, e não consegue “falar” com a consciência do sujeito, pois este não tem elementos e instrumentos lógicos e intelectuais para poder compreendê-la. Portanto, quanto mais o líder se alimenta e se enriquece de cultura (geral e específica), mais dá instrumentalização ao Em Si ôntico, ou seja, mais o Eu lógico-histórico tem formação cultural, global, integral, mais o Em Si ôntico verbaliza. Assim, se o líder não tem cultura, o Em Si ôntico fica paralisado, porque não consegue comunicar-se com o consciente. Enfim, quando a intuição acontece necessita uma precisa e exata racionalidade para entendê-la.

5 Aplicação da intuição racionalizada na liderança e gestão

No contexto empresarial a intuição sempre é um ponto de partida para organizar melhor as decisões, elaborar novos conhecimentos e rever ações para aprimorar o crescimento, o sucesso em administração, em política, dentre outros. De forma que, a intuição sempre é um ver com evidência⁹ que surge no ápice de uma evolução, apresentando como ponto de partida ou fórmula que sustenta a lógica e as decisões. A intuição sempre é anterior à organização racional e às decisões de meios para realizá-la, porém, imediatamente depois precisa da racionalidade, das estratégias e planejamentos para ser atuada na história.

Em relação às correntes de pensamento sobre a intuição, Gramignano (2004) comenta que:

O estudo da aplicação da intuição no campo do *business* inicia por volta dos anos 50 com alguns psicólogos da escola junguiana como Frieda Fordham (...) e prossegue com uma longa série de autores especialmente norte-americanos que desenvolvem o conceito segundo o qual a intuição,

⁸ Informação verbal de aula. Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, módulo de aulas da Pós-Graduação *Lato Sensu* MBA “O Empreendedor e a Cultura Humanista”, realizado em 09 de janeiro de 2010, Faculdade Antonio Meneghetti.

⁹ Evidência significa: “a verdade daquele fato nasce de mim que vejo, ou seja, nasce do mesmo princípio através do qual se existe” (MENEGETTI, 2004, p. 147).

juntamente com os sentimentos, o pensamento e os cinco sentidos, está na base do 'funcionamento' do homem (GRAMIGNANO, 2004, p. 72-73).

Gramignano (2004) cita Marcia Emery como uma das precursoras do estudo da intuição a área do *business* com a conotação que detém ainda hoje. Salientando que conforme estudos realizados “por trás de todo sucesso há um homem, um líder que o determina” (GRAMIGNANO, 2004, p. 73). Destacando ainda que estes líderes, quando questionados sobre suas motivações para o sucesso, mencionam ter confiado na intuição, indo por vezes, “contra” ao que parecia racionalmente o caminho mais lógico.

Durante muito tempo, somente as técnicas racionais norteavam o processo de gestão, mas a realidade hoje exige que os gestores considerem dimensões lógicas e ilógicas nas situações decisivas, sem que um processo anule o outro, mas que sejam complementares (MOTTA, 2004).

A intuição dá a “direção tranquila à vantagem integral (econômica e existencial, isto é, interior com todos os valores necessários) do operador, e conforme a ordem da vida ou da dinâmica dos eventos globais, ordem já intrínseca no ponto operativo do sujeito” (MENEGETTI, 2004, p. 45).

Ainda Meneghetti (2008, p. 93) argumenta que:

O líder se distingue de todos os outros pela posse natural da intuição. Esta consente operar a escolha ótima na conjuntura de diversos problemas ou diversas soluções. A intuição dá imagens, impressões, concepções elaboradas sistêmicas, experiências, campo semântico, etc.; não é fácil, mas também não é impossível (MENEGETTI, 2008, p. 93).

Além disso, o líder não é genérico, mas sempre específico e sua intuição volitiva apresenta as características superiores de um dirigente, segundo a projeção das leis da natureza. A intuição é direta emanção do Em Si ôntico e, enquanto exclusiva deste, é infalível (MENEGETTI, 2008). Ou seja, a escola ontopsicológica descobriu que existe uma intuição clara, distinta e infalível, porque colhe quando a arquitetura da mente está formalizando, e, portanto, pode variar ou obter os efeitos que pretende.

Sobre intuição na gestão pode-se discutir a liderança de todos os modos, mas se não for considerada a realidade inconsciente, continua-se a analisar de fato e de tal modo, o conhecimento será parcial, errôneo, mesmo que se acredite estar analisando o fato na sua totalidade, permanecerá sempre 80% desconhecido, sendo que aquilo que se encontra ‘escondido’, os 20%, podem representar a diferença entre o sucesso ou não.

Portanto, é essencial a formação que está atrelada à ordem da vida. Ao líder, conhecer-se como pessoa, primeiramente é dever, conhecer sua identidade, seu projeto de natureza, ter exatidão de consciência, para a partir disso conhecer o outro como ser, e saber como operar no social as ações que de fato devem ser operadas, tendo em vista o crescimento econômico e social de seu projeto-empresa, de seu *core business*, que irá favorecer também as demais pessoas envolvidas no projeto, em termos de possibilidade de crescimento humano, de inteligência, de conhecimento técnico e de produção econômica.

Nesse sentido, Meneghetti (2003, p. 213) argumenta que:

O líder aprende a intuição da total profundidade de si mesmo. Se a Ontopsicologia trouxe de volta o Eu lógico-histórico ao mundo da vida (em sentido husserliano), com visão onisciente dos próprios espaços ecossistêmicos individuais, então esse conhecimento aplicado à economia garante o ganho econômico. E o faz indicando quatro pedras angulares, quatro pontos racionais a realizar, uma vez feita a recuperação da própria potencialidade existencial: 1) deve-se ter uma competência específica; 2) resolver as necessidades da clientela com total qualidade; 3) esse jogo deve ter constante o compromisso histórico com a normativa social (...); 4) deve haver uma coerência motivacional do operador que deve ter prazer com o próprio *core business* (MENEGHETTI, 2003, p. 213).

A palavra intuição vem do latim *intus actionis* que significa o dentro ou íntimo da ação, ou seja, conhecer os modos ou estruturas interiores de um projeto de ação ou evento (MENEGHETTI, 2001). A intuição, portanto, consente operar a melhor escolha no contexto de diversos problemas ou diversas soluções. A intuição é a informação do Em Si ôntico em contexto histórico (MENEGHETTI, 2008).

Reafirmando esta ideia, Motta (2004) ressalta que o acúmulo de conhecimento teórico, técnico e mesmo prático sobre a ciência administrativa é muito importante, porém, por si só, enquanto unicamente conhecimento puro, sem ser aplicado, muitas vezes pode não levar ao objetivo esperado. Portanto, o conhecimento deve ser atrelado ao desenvolvimento pessoal do próprio líder, do empresário e empreendedor operador no social, levando o sujeito não apenas a adquirir o conhecimento, mas aplicá-lo a uma nova forma de pensar e agir, possibilitando, dessa maneira, a inovação no contexto sócio-econômico-político-empresarial.

Diante das complexidades da tomada de decisão perante uma sociedade voltada para o conhecimento, a intuição torna-se fundamental ao sucesso do processo e gestão econômica. Isto porque se trata da subjetividade do agente decisor presente na tomada de decisão e que contribui nas interpretações a respeito dos cenários internos e externos que permeiam as organizações. E quanto mais exata for essa subjetividade, ou seja,

falamos aqui em exatidão de consciência do profissional administrador/gestor (MENEGETTI, 2010), mais capaz de leitura precisa da intuição ele será, em seu cotidiano.

Sobre as diversas descrições de intuição, na literatura científica revisada, há um ponto em comum: ela ocorre na esfera inconsciente do sujeito, que deve ser hábil para revelá-la à sua consciência (MENEGETTI et al., 2007), e dessa forma, a partir do momento em que está de posse da informação da intuição, construir as estratégias e percursos técnicos com os quais irá edificar a intuição na história.

Ao contrário de muitos autores que insistem em uma percepção focal e enfática (emoção decidida e forte) em relação à intuição, Meneghetti (2006) esclarece que a intuição é colhida e pode ser compreendida além de qualquer suspensão racional e emocional. A emocionalidade, visceral ou cerebral, está mais ligada a um efeito: 1) semântico; 2) complexual; ou 3) de consenso social. Ao invés disso, a “informação que assinala o projeto ótimo é simplicidade global que zera todo o peso do diverso” (MENEGETTI, 2006, p. 128).

Racionalidade, conforme Biasotto (2007, p. 124) “significa sabe o que fazer e como se mover para chegar a uma solução”. A intuição, organizada em racionalidade histórica constante, determina inevitavelmente o sucesso, e a prosperidade, mas é necessário saber distingui-la da obsessão, da convicção, do complexo (MENEGETTI, 2007).

Assim se verifica que conhecimento técnico e atualização contínua não são, sozinhos, suficientes. A introspecção ontopsicológica, que inclui mudanças nos hábitos mentais, um modo particular de viver e uma forma exata de percepção e reflexão sobre si mesmo, são elementos essenciais para assinalar o ponto. De modo que o caráter funcional da técnica ontopsicológica permite afirmar que a Ontopsicologia é uma ciência que pode formalizar cientificamente a intuição, enquanto individualizado o critério de distinção entre intuição autêntica e sensação desviante (BIASOTTO, 2007).

Além disso, a intuição contata diretamente o real, se antecipando às situações e às palavras, já que colhe o princípio que sustenta e dá origem aos fenômenos e às palavras.

A Ontopsicologia é a ciência que conduz para a coincidência entre consciência, inteligência e ser, e que assim provoca a intuição consciente do princípio entitativo do múltiplo, que é denominada consciência ôntica. A consciência ôntica é o real anterior à

dialética racional e científica e é antecedente à linguagem verbal que busca defini-la (MENEGETTI, 2004).

A racionalidade é ausente de autoridade se não existe a tomada de evidência. Ou o proceder racional leva à evidência, ou não é um mister para os inteligentes. A evidência, aqui, significa autorrealização, ou seja, desenvolvimento ao seu fim congruente, coexistir com o real que motiva a si mesmo. Meneghetti (2001, p. 115) define evidência como ação específica e própria de quem vê. Implica uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê. O Em Si do objeto e a ideia ou forma de quem olha coincidem a ponto de consentir a reversibilidade entre objeto e a ideia. O *Eu sou* se colhe no objeto que vê.

A racionalidade, intrinsecamente, exige apenas conformidade: é apenas mensuração conforme, um instrumento, mas não é o projeto, o porquê. Quando depois se considera a conformidade “a”, então advém a pergunta: onde devo ir? O quê quero fazer? É um projeto que é ordem ao fim, ao escopo, o qual pode ser intuível apenas da visão do espírito¹⁰, posto que pode considerar o resultado desejado antes de qualquer meio. Os sentidos o vêem ao final, mas a intuição o identifica (o resultado) desde o início (MENEGETTI, 2008).

A racionalidade vê o fim quando terminam os efeitos, na conclusão da execução, e deve fazer conformidade ao princípio estabelecido; ou melhor, ela se funda sobre um invisível para ela inexistente. O escopo realiza e conforma os meios materiais, mas de fato não existe como matéria sensória. Quem sabe o fim, ao contrário, é o espírito, a inteligência. O espírito é dotado de autoevidência, ou seja, faz e vê no ato simples: enquanto constrói, já é; enquanto inicia, já é completo; quando começa, já começou. Só o espírito, ao final, pode ser o critério da racionalidade (MENEGETTI, 2007).

Enfim, como Meneghetti (2007) bem explica, a intuição é o elemento que dá a direção, enquanto que a racionalidade busca os modos de dar a existência histórica.

6 Considerações Finais

Com base na pesquisa teórica que foi realizada, verificou-se que do ponto de vista científico, a intuição parte do inconsciente e precisa ser racionalizada para que o sujeito possa entendê-la. E que o estudo teórico e formal, enquanto uma prática de

¹⁰ Espírito é entendido neste parágrafo e no precedente como Em Si ôntico, segundo a definição da Ciência Ontopsicológica, já apresentada neste artigo.

formação para o líder e gestor – assim como todas as demais instrumentalizações apresentadas aqui – é um instrumento de aperfeiçoamento que nos leva, gradualmente a alcançar sínteses de compreensão sempre mais elevadas (VIDOR, 2011).

Sempre que o indivíduo não foi capaz de relevá-la (a intuição) no momento em que ocorre, à consciência, ela pode ser verificada através da análise onírica (sonhos).

De fato, O Em Si ôntico expõe a cada dia a situação, é uma informação direta do núcleo, dos complexos, das formas patogênicas, das dificuldades técnicas dos outros, da sociedade, etc. No sonho, pode-se ler qual é a situação do sujeito diante da própria saúde, do próprio bem-estar, do resultado das suas iniciativas, etc. A partir dos sonhos evidencia-se a análise da situação.

A conclusão que se chega ao final desse breve fragmento de análise sobre a intuição é que o ser humano é um instrumento através do qual a capacidade natural de intuir se dá. Uma capacidade que permite uma resposta diretiva e instantânea diante das diversas demandas de decisão e solução que a vida propõe. Seja um líder que qualquer outro profissional pode fruir dessa capacidade se dispuser de um instrumento (a si mesmo e o seu próprio corpo) alinhado e íntegro, como um instrumento exato de leitura da realidade. A saída parece ser sempre a manutenção desse instrumento, através do autoconhecimento em sentido permanente, na leitura contínua a cada momento de si mesmo e da construção técnica que permite a tradução das pulsões intuitivas em ações práticas do dia-a-dia nas lógicas do *business*.

Referências

ARISTÓTELES. Segundos Analíticos. B 19, 100 b 5-17. In: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: II Platão e Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 1994.

BERGSON, H. **L'evolution créatrice**. Paris: L'Épi, 1907.

_____. **Le deux sources de la morale e de la religion**. Paris: L'Épi, 1932.

BERNABEI, P. As estruturas organizacionais da empresa. In: MENEGHETTI, A. et al. **Psicologia da organização**. São Paulo: FOIL, 2003.

_____. Intuição e Racionalidade. In: MENEGHETTI, A. **Atos do Congresso Business Intuition 2004**. São Paulo: FOIL, 2007.

BIASOTTO, H. O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. In: MENEGHETTI, A. **Atos do Congresso Business Intuition 2004**. São Paulo: FOIL, 2007.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CIVITENGA, N. et al. **Correnti di pensiero sull' intuizione**. Terni: Foil, 2004.

FABRO, C. **Storia della filosofia**. Roma: Coletti, 1959. Vol. I e II.

GRAMIGNANO, E. Nota introdutória. In: MENEGHETTI, Antônio. **Personalidade empresarial**. São Paulo: FOIL, 2004.

HOUAISS, A. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MENEGHETTI, A. **Atos do Congresso Business Intuition 2004**. São Paulo: FOIL, 2007.

_____. **Dicionário de ontopsicologia**. São Paulo: OntoEd, 2001a.

_____. **Isomaster**. Um ensaio sobre a infalibilidade econômica. Brasília: Ontopsicologica Editrice, 2001b.

_____. **A psicologia do líder**. Recanto maestro: Ontopsicologica editrice, 2008.

_____. **Personalidade empresarial**. São Paulo: FOIL, 2004.

_____. **Psicologia da organização**. São Paulo: FOIL, 2003.

_____. **O Projeto Homem**. Porto Alegre: Ontopsicologica Editrice, 1999.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.

_____. A autossabotagem no inconsciente do empreendedor. In: **Performance Líder**, n. 03, p.94-107, 2009.

_____. **O aprendiz líder**. São Paulo: FOIL, 2006.

MILLER, C.; IRELAND, D. O poder da intuição. **Revista de Administração de Empresas**, v. 4, n. 3, 2005.

MOTTA, P. R. **Gestão contemporânea**: a ciência e a arte de ser dirigente. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PARICK, J.; NEUBAUER, F.; LANK, A. G. **Intuição**: A Nova Fronteira da Administração. São Paulo: Cultrix, 1994.

PILLOTTO, S. S. D. **Gestão e conhecimento sensível na contemporaneidade.** Joinville: Univille, 2006.

REALE, G. **História da Filosofia Antiga: II Platão e Aristóteles.** São Paulo: Loyola, 1994.

SCHULTZ, D. P., SCHULTZ, E. S. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

VIDOR, A. **A intuição como preâmbulo à ciência.** Artigo no prelo, 2011.